

# COMBATE

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

## ASPECTOS DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL

1  É intenção deste Governo defender intransigentemente a legalidade democrática, impondo a todos o cumprimento da lei.

2  Neste âmbito de ameaça do equilíbrio social, adquirem especial relevo: - as ocupações selvagens e ilegais de casas e propriedades.

3  - a interferência com a vida política de outros países (...), que mais não são do que o abusivo uso das liberdades.

4  ... as forças de segurança, respondendo aquilo que delas a sociedade exige, actuam firmemente em todas as situações em que estejam em causa a protecção de pessoas, as instituições e os bens públicos e privados (...) se necessário for recorrendo com a força à prevenção e à violência.

5  O Conselho de Ministros está certo de que tais medidas se não são perfeitamente compreendidas e activamente apoiadas pela esmagadora maioria do povo português.

(Cont. pag.3)

## COUÇO: DAS OCUPAÇÕES ÀS UNIDADES COLECTIVAS

A entrevista que publicamos faz parte de um filme há meses realizado por camaradas holandeses e que dentro em breve será exibido em Portugal.

O entrevistado é um dos elementos do Comité da Reforma Agrária do COUÇO, que funciona como órgão coordenador das vinte e duas unidades colectivas de produção existentes na freguesia, que totalizam uma área de cerca de trinta mil hectares.

Brevemente nas edições CONTRA A CORRENTE sairá uma brochura com uma entrevista mais completa onde se analisam mais detalhadamente todos os problemas aqui focados.

Ainda tínhamos lá a totalidade dos 68 presos e responderam-nos com mais 60 presos, ficando nessa altura lá cerca de uma centena. Mas mesmo assim o povo continuava organizando-se lutando, auxiliando as famílias dos presos. A luta continuou, pois o contrato colectivo não foi aceite, e em 1962 toda essa luta se vinha desenhando pelas

### DO FASCISMO AO 25 DE ABRIL

**Pergunta** - Para começarmos gostaria que nos falasse um pouco da vossa experiência, da vossa luta, durante o fascismo até ao 25 de Abril, isto é da vossa luta contra o fascismo, contra o capitalismo.

**Canejo** - Ora nós, aqui no Couço, somos na grande totalidade operários agrícolas, entre 80 e 90% da população, que sempre lutou no campo com grande dificuldade, lutou na miséria, pois os ordenados eram sempre muito baixos - mais ou menos em 1956 orçavam pelos 40\$00/homens e 12 ou 13\$00/mulheres. Ora, era um ordenado de miséria, o que nos obrigava a lutar. Obrigava-nos a lutar pois que os filhos choravam com fome. Essas lutas tornavam-se muito difíceis pois que a GNR fazia sobre nós grande pressão nas praças de jornas dentro da aldeia, às segundas-feiras, que era quando se fazia praça de jorna, chegando até a espancamentos. Ora conforme nos iam organizando e iam lutando, pois também eramos presos

são porque lutávamos e queríamos mais salário, queríamos matar a fome aos filhos, chegando a alturas a levar da nossa freguesia 60 presos de uma só vez. A luta ia avançando conforme nos iam organizando, e chegou uma altura - em 1958 - em que os trabalhadores resolveram reivindicar mais ordenado. Não lhes foi satisfeito esse ordenado e então os trabalhadores resolveram fazer uma greve. Portanto, paralisaram em Junho de 58, e nessa greve a GNR veio com grande aparato, com carros, matralhadoras e ainda feriu um rapaz num pé com uma rajada de metralhadora e levaram ainda 68 presos, alguns esqueceram-se lá cinco anos, outros seis meses e por aí fora. Mas as famílias dos presos foram cá sempre auxiliadas por todos os trabalhadores, pois eles estavam organizados e auxiliavam as famílias dos presos. A luta não parou e continuou. Em 1959 fizemos um contrato colectivo, isto é uma proposta de contrato colectivo de trabalho e chegámos a enviá-lo ao governo.



oito horas de trabalho - pois a gente antes disso trabalhava de sol a sol, amargamente e em 62 numa reunião das muitas que se vinham fazendo clandestinamente na charneca, isto é, nas herdades aí por fora. Portanto, numa dessas reuniões foi discutido que ninguém mais trabalharia que não fosse oito horas, 40\$00 aos homens e 20\$00 às mulheres. Nós tínhamos reuniões com vários trabalhadores de outras zonas e chegávamos a

(Continua nas centrais)

# TORREBELA: uma experiência de vida comunal

Os trabalhadores da Cooperativa Agrícola Popular da Torre Bela publicaram uma brochura onde falam sobre a sua luta, métodos de organização, experiência e objectivos e é como eles próprios escreveram: "O nosso contributo para a história da Reforma Agrária em Portugal. Uma experiência mais".

Transcrevemos a seguir, um dos capítulos da brochura:

É nesta região que fica situada a herdade da Torre Bela: 1.600 hectares uma só família: OS DUQUES DE LAFÕES.

Região rica e essencialmente agrícola. A exploração era um facto em todo o país. Esta zona não fugia às regras.

Pela manhã, os trabalhadores dirigiam-se para o largo da aldeia em busca de emprego. Aí eram escolhidos os mais jovens e fortes, pelos capatazes. Os velhos e fracos eram desprezados... Já pouco rendiam... Os abutres tinham comido a sua carne. Para estes a miséria, as esmolas e a vagabundagem era o seu único fim.

Os salários eram miseráveis. Sofriam alterações diárias ou semanais... Tudo dependia da procura de mão-de-obra. Ainda hoje se pratica ali a comercialização do homem.

Era a esta exploração que os trabalhadores se viam obrigados a ceder, pois, nas suas toscas casas, sem o mínimo de condições de vida, havia bocas a alimentar... As mulheres sofriam dupla exploração. Devido aos salários irrisórios dos maridos eram obrigadas a trabalhar também para os patrões. Ao fim de um dia de trabalho no campo, a exploração e o trabalho continuavam em casa. O seu ópio era a igreja. Aí procuravam consolo e refúgio, mas não encontravam o pão e o fim à sua miséria.

Para os homens, o refúgio era o álcool. Nele, esvaziavam os seus silêncios, uns; outros, mais conscientes desta exploração, calavam a voz interior que os incitava a revolta, pois lá estavam os bufa da EIDE, a Guarda Nacional Republicana e os patrões que lhes tapavam a boca com ameaças e represálias que muitas vezes não chegavam a concretizar.

Tudo isto se repercutia nos filhos. A sua herança era a miséria e a exploração. Alguns, fugiam à miséria do campo e iam para a cidade. Outros recorriam à emigração. Mas a exploração perseguia-os como uma doença hereditária.

Esta região foi bastante fértil neste exodo de homens e mulheres. Mas como tudo que tem princípio não pode de forma alguma deixar de ter fim, grande parte desta exploração teve início do seu termo em 25 de Abril de 1974.

Abriam-se portas que até então estiveram fechadas aos trabalhadores. Houve alguns que acordaram logo para o seu primeiro dia de liberdade, outros há que despertaram mais tarde. Outros continuam adormecidos.

Seguiram o exemplo dos seus camaradas alentejanos que mais motivados, deram início às ocupações, arrancando para a sua libertação, puseram termo à exploração, formando cooperativas. Os trabalhadores desta região, na altura atirados para um desemprego na ordem dos 80%, provocado pelos latifundiários que não cultivavam as suas imensas terras, decidiram-se também formar cooperativas.

Não havia outro caminho a seguir: A TERRA A QUEM A TRABALHA.

A palavra de ordem começou a ouvir-se na zona. Após algumas reuniões na freguesia de Manique do Intendente e aldeias vizinhas, os trabalhadores decidiram organizar-se para pôr cobro à miséria e desemprego com que se debatiam.

A Torre Bela e Ameixoeira eram pertença de um só senhor. As terras estavam sub-aproveitadas e aonde só empregavam oito trabalhadores efectivos e estavam abrangidos pela lei da reforma agrária. Especulava-se na altura sobre ocupações selvagens. Os trabalhadores resolveram fazer uma ocupação pacífica, entrar em conversações com o duque. E foi seguindo este princípio que centenas de trabalhadores, acompanhados por camaradas afectos ao processo, se encaminharam no dia 23 de Abril de 1975 para as herdades da Torre Bela e Ameixoeira.

No interior da herdade, os ocupantes encontraram pela frente, junto ao escritório, o administrador do latifúndio que, fazendo-se surpreendido, nos recebeu friamente perguntando o que queríamos.

- Somente falar com o dono da quinta.  
- Não está - respondeu-nos o feitor.

Depois de insistirmos, acedeu em acompanhar dois representantes eleitos pelos trabalhadores ao escritório para se contactar com o duque pelo telefone. Depois de hesitar, o duque aceitou falar com um trabalhador. Perguntou-lhe bruscamente quem era e o que pretendia. Respondeu-lhe que estavam ali muitos trabalhadores para resolver o problema do desemprego. Ele interrompeu a conversa dizendo que não tinha nada com isso e nem sequer tinha tempo para perder com problemas sem valor. A seguir desligou sem admitir mais conversas.

Perante este facto e não se tendo chegado a nenhuma conclusão, os trabalhadores viraram-se para o administrador e, educadamente disseram-lhe que a presença de todos ali tinha o objectivo de formar naquelas terras uma cooperativa, e que ele poderia ser um futuro cooperador. O feitor não quis saber daquilo que lhe dissemos e sarcasticamente disse-nos que não estava interessado e que o seu patrão seria sempre o duque.

Durante o percurso do escritório até aos restantes trabalhadores que esperavam com ansiedade pelo resultado do telefonema, os dois representantes disseram entre si que o administrador seria um inimigo do povo a ter em conta. Como é óbvio, esclareceu-se os restantes ocupantes em reunião ao ar livre, sobre a conversa tida ao telefone. Discutiui-se a nível geral os objectivos que nos levaram a assumir semelhante responsabilidade. Todos concordámos em permanecer no interior da propriedade, em piquetes, aguardando que o duque estivesse na disposição de falar connosco. Também se aproveitou a altura para se formar uma comissão de trabalhadores que, a partir daquele momento responderia por todos os outros. Enquanto aguardávamos os acontecimentos já os órgãos de informação tinham dado várias notícias, assim como já se tinham informado os organismos estatais e as forças armadas. Os ocupantes deram uma volta pelas terras, certificando-se que havia mais que razões para termos dado o passo que deram. Aqui e ali viam-se alfaias agrícolas abandonadas à chuva, cheias de ferrugem, estábulos outrora cheios de

gado agora totalmente abandonados, no meio de todo este abandono, hectares e hectares de terra por cultivar. Só existia, no meio de todo este abandono, uma negação daquilo que se descreve até aqui - era o jardim que estava bem cuidado. Nós os trabalhadores, gostamos muito de flores, mas não nos matam a fome. Também admiramos muito o palácio enorme, refúgio de senhores feudais, e seus amigos burgueses em tempos de caça.



Entretanto o tempo passava e chegou a tarde desse primeiro dia de ocupação e com ela o telefonema do duque. Foi um trabalhador atendê-lo, o mesmo que tinha conversado telefonicamente com ele de manhã, que ficou surpreendido pois o duque já foi mais cordial. Disse que se tinha informado e chegou à conclusão que não perdia nada em ter uma conversa connosco, que ficou combinada para o outro dia e que o local de encontro seria cá na Torre Bela. Também se disse que a esse diálogo estariam presentes representantes do Ministério do Trabalho, do sindicato e do Movimento das Forças Armadas. Informados os outros trabalhadores esperaram pelo outro dia com ansiedade. Até lá as povoações vizinhas, solidárias connosco, depressa se mobilizaram e fizeram chegar até nos generos alimentícios que foram cozinhados por um ocupante. Nesse primeiro dia ficaram criadas as bases para o futuro refatório da cooperativa, que ainda não existia, mas que estava na tabela de todos nós. No outro dia à hora marcada chegou o duque e as outras pessoas, só não apareceram os representantes do MFA. Ainda hoje não sabemos porque. Todos eles, assim como a comissão dos trabalhadores ocupantes reuniram-se numa sala contígua ao escritório. Fácil nos foi observar que logo de início o duque tentou sensibilizar os trabalhadores recordando cenas de infância passadas em comum como, por exemplo, brincadeiras.

Mas os trabalhadores mantiveram-se firmes no seu propósito. Então o duque mostrou-se tal como era: pôs em cima da mesa, olhando-nos com superioridade. Convidou-nos a falar.

Falou-se-lhe do desemprego, das terras que ele possuía não aproveitadas e da firme disposição de formarmos uma cooperativa, convidando-o a aderir a ela. Também lhe dissemos que o imenso viveiro de eucaliptos que existia aguardando plantação não poderia ser plantado em terreno que poderia dar pão. O duque considerou as nossas pretenções absurdas, dizendo que as terras eram dele e da sua família e essa proposta era como se as perdesse e nisso não estava ele interessado. Quanto ao desemprego, segundo informações que tinha, a região não sofria de tal calamidade. Nesta altura convidamo-lo a espreitar pela janela para com os próprios olhos confirmar o que dizíamos: cá fora estavam mais de duzentos trabalhadores desempregados. A este convite riu-se, encolheu os ombros e, com um aceno de não, respondeu que não estava interessado.

Falou em seguida o representante do sindicato. Falou-nos da organização das cooperativas alentejanas e perguntou-nos o que entendíamos por cooperativas. O representante do Ministério do Trabalho não fez mais do que secundar o seu camarada do sindicato nas perguntas e conclusões. A estes camaradas nós respondemos o que queríamos e que os nossos problemas só nós os saberíamos resolver. E que a partir daquela altura seríamos nós a decidir o destino a dar a estas terras, pois éramos nós que as trabalharíamos. Nada ficou resolvido nesse dia, ficando decidido fazer uma nova reunião para dias depois. Até lá mantivemo-nos na Torre Bela. Dormíamos ao ar livre, em barracas já que não ocupámos nenhuma casa. Também não interferimos na organização interna da propriedade, os trabalhadores efectivos e eventuais remunerados pelo duque, continuaram o seu trabalho. A estes trabalhadores, convidávamo-los a assistir às nossas reuniões, explicando-lhes os nossos planos de organização em igualdade, sem patrões a explorar-nos. Alguns recusaram, outros são hoje cooperadores, e, segundo dizem, são muito mais felizes, pois, não só deixaram de ser explorados pelos patrões, como sabem que os lucros, quando os houver, serão distribuídos igualmente por todos. A outra reunião chegou. Com ela, a certeza de que o duque e a sua família feudal não estavam nada interessados em deixar de ser exploradores para serem iguais a nós. Por nada deste mundo estavam interessados em perder os seus privilégios, ganhos à custa do suor dos trabalhadores, nem sequer compartilhá-los. Perante a decisão inabalável do duque, os trabalhadores responderam com as armas que tinham na mão - o trabalho - conscientes dos seus direitos humanos.

Nesta altura, a Torre Bela já era conhecida em todo o país e em diversos países, tal foi a vaga de jornalistas que passaram por aqui.

Nem todos os dias apareciam trabalhadores em luta aberta no diálogo com a nobreza. Eram terras de uma família real bastante conhecida e misteriosa. Por isso era susceptível de interesse nacional e internacional todo este processo revolucionário do campesinato pobre.

Até hoje nunca mais entraram nesta cooperativa os duques, desde essa última reunião a seis de Maio. Mas temos mantido do exterior uma guerra aberta, boicotando-nos sistematicamente todos os nossos direitos a nível estatal,

usando a sua influência em amigos que ainda andam na vida política portuguesa e dela podem pôr e dispor, fazendo-lhes relatos de boatos que são uma negação à realidade.

Citamos, por exemplo, uma das muitas tentativas falhadas do senhor feudal: Consegue por à mais à enganar oito trabalhadores, oferecendo-lhes em troca dos seus serviços vergonhosos, boa colocação na vida. Incita-os a formar uma comissão de trabalhadores para criarem dificuldades ao nosso processo. O duque teve azar porque houve algumas pessoas do IRA coerentes e bem esclarecidos de tudo, que descobriram a vergonhosa acção do duque, que queria por trabalhadores em guerra com trabalhadores. Desmascarado o duque, pessoas responsabilizadas do governo decidiram de uma vez por todas dar todas as responsabilidades aos trabalhadores.

E foi a partir dessa altura que se formou a PRÉ-COOPERATIVA AGRÍCOLA POPULAR DA TORRE BELA.

Arrancou-se com 32 homens e oito mulheres que faziam ao todo 40 cooperadores. Fez-se uma assembleia geral donde saiu a primeira comissão de trabalhadores e foram criados os estatutos da cooperativa. Os trabalhadores entre si, redigiram para o papel as normas pelas quais passou a ser regida a cooperativa. Podemos citar algumas:

- Acabar a exploração do homem exige acabar a exploração da mulher.
- Na cooperativa a remuneração é igual.
- O órgão máximo de poder na cooperativa é a assembleia geral de trabalhadores.
- Esforçamo-nos todos para criarmos um homem, uma mulher novos para a sociedade.
- Criar postos de trabalho, fazendo assim face ao desemprego. Criaram-se dentro da cooperativa estruturas sociais, creche, grupo sócio-cultural e um refatório.

**Contra o Corrente**

ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

- O QUE SOMOS E O QUE QUEREMOS - SOLIDARITY/Lisboa
- TESES SOBRE O BOLCHEVISMO - I C C (+1500)
- LUTAS SOCIAIS NA CHINA - JOÃO BERNARDO (+150)

■ RUA DO BARRIL, 50 - PORTO ■  
 ■ RUA DA ATALAIA, 204 - 206 - LISBOA 2 ■

ou com o trabalho contra o capital, ou com o capital contra o trabalho, nada de via intermédia

**Jornal da greve 85**  
 (suspensão dos trabalhadores) 8 7 74  
 da EFACEC/INEL 2 anos  
 Lisboa 8 7 76

Participa activamente na discussão e na elaboração do jornal !!!

Para comemorar dois anos de luta, os trabalhadores da EFACEC/INEL, de Lisboa, publicaram o número 85 do "JORNAL DA GREVE". Número especial que contém todas as actas de plenários e outros importantes documentos.

Transcrevemos a "NOTA PRÉVIA" que explica a necessidade do jornal.

Hoje, passados que são dois anos desde o início das nossas movimentações colectivas, que abrangeram toda a empresa no sector sul, mais do que nunca se torna necessário fazer um ponto da situação - das nossas conquistas e das nossas derrotas - enfim, daquilo que pensamos ter sido a nossa experiência e o nosso contributo, embora pequeno, no vasto campo que foi, e é, a luta de classes nos nossos dias. Com o número especial do Jornal de Greve pensamos auxiliar este ponto da situação, publicando todas as actas de plenários, bem como alguns acontecimentos que com elas se encontram relacionados, dividido em capítulos que se referem às diversas etapas das nossas movimentações colectivas.

Um ponto importante; é que, ao longo destes dois anos, se demonstrou continuamente a necessidade de um órgão da vontade dos trabalhadores, a Comissão dos Trabalhadores, que sirva não só a defesa dos interesses colectivos imediatos desses trabalhadores, mas também que este órgão consiga enquadrar esses interesses de acordo com os interesses superiores da classe operária revolucionária, dos camponeses pobres e de uma forma geral com os do povo trabalhador.

Isto só pode ser conseguido se tivermos sempre em conta que esse órgão da vontade dos trabalhadores deverá estar sempre em perfeita ligação com a maioria dos trabalhadores, e que estes vejam na Comissão, não só a defesa dos seus interesses mas também a homogeneidade necessária para levar as tarefas que se lhe impõem.

Por outro lado, o estreito cumprimento das regras democráticas, entendidas não no sentido burguês, mas no sentido proletário, do que aliás, a Comissão deve ser o garante; é o essencial para que todos os trabalhadores possam participar no trabalho da Comissão e expressar aí o seu ponto de vista.

O "JORNAL DE GREVE" e o brochura "TORRE BELA - COOPERATIVA AGRÍCOLA POPULAR" encontram-se à venda nas LIVRARIAS CONTRA A CORRENTE (Lisboa e Porto) ao preço de 15\$00 cada. Podem ser enviadas à cobrança.

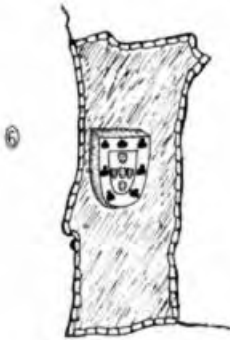
## ASPECTOS DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL

Continuação Pág. 1

É adequado dizer que o patriotismo não é uma figura de retórica nem um mito do passado, mas sim a força do nosso futuro.

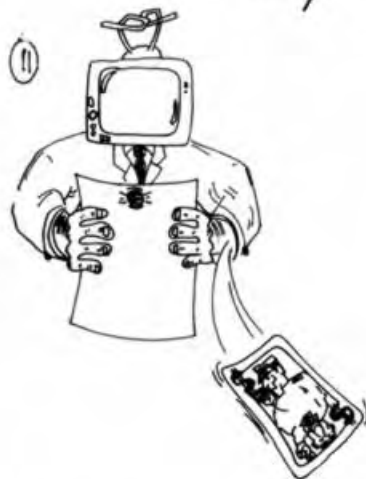
É também pelo trabalho, pela responsabilidade, pela honestidade, pelo profissionalismo que se constroem os verdadeiros democratas, os verdadeiros patriotas.

As Forças Armadas recuperaram a coesão, a operacionalidade e disciplina, dentro de uma linha de comando definida de acordo com a legitimidade da Revolução de 25 de Abril.



A manipulação noticiosa, a criação de falsos contextos, o empolamento de factos menores e a marginalização das grandes e autênticas questões nacionais têm de desaparecer dos ecrãs televisivos.

A elevadíssima percentagem de absentismo, a baixa de produtividade, a situação deficitária de empresas públicas são, entre outros, problemas graves, que têm de ser enfrentados com coragem e realismo sob pena de não ser possível realçar a economia e de se vir a criar uma situação que ponha em risco a democracia e as conquistas dos trabalhadores.



As regras do jogo serão, de futuro, muito mais claras e o governo socialista não permitirá latofas.

[O texto usado foi tirado de 2 comunicados do Conselho de Ministros (dias 29 e 28 Agosto), discurso de R. Eanes no Porto e discurso de M. Albuquerque a RTP, dia 3 Setembro]

COMBATE

É esta a ordem democrática que nos querem impor. Mário Soares atribui as culpas da crise económica em Portugal aos trabalhadores. No seu entender a resolução da crise assenta numa maior "firmeza", quer dizer, numa maior repressão. O policiamento nas unidades produtivas, quer pelos gestores (que "não poderão demitir-se das suas responsabilidades"), quer pela burocracia "operária" (delegados sindicais, comissões de trabalhadores burocratizadas, etc.) vai aumentar no intuito de diminuir drasticamente os "tempos mortos" na produção. Vemos uma série de medidas como: o não pagamento dos dias de greve, inflação controlada para baixar os salários reais, aumento do horário semanal, mais despedimentos (alargamento do sentido de despedimentos com justa causa), todas com vista a melhorar a produtividade, ou seja, aumentar a exploração capitalista.

Não é nosso objectivo agora analisar a complexa situação actual. Propomo-nos levantar uma série de questões que serão uma base de discussão, que tentaremos desenvolver no editorial do nosso próximo número.

- Se a ultrapassagem da crise para o governo passa pelo aumento de produtividade, como se justifica que ele comece a intervir no Alentejo? Apesar da quebra geral da produção, os produtos agrícolas tiveram a seguinte taxa de crescimento: 6,6% em 1973, 13,1% em 1974 e 23% em 1975.

Se existem apenas 1.200.000 hectares de terras ocupadas pelas unidades colectivas de produção (num total de 1,5 milhões de hectares abrangidos pela lei dos 50.000 pontos \*) porque é que os nossos tecnocratas intervêm em 101 herdades que têm menos de 50.000 pontos ("ocupadas ilegalmente")?

- Porque bate tanto M. Soares nos trabalhadores, se um dos sectores mais conservadores - a CIP - atribui grande parte da estagnação actual à ineficácia do aparelho de Estado? Quererá assustar os trabalhadores com o regresso dos patrões ou os patrões com o avanço da luta dos operários? Será que o governo desconhece que centenas de empresas (actualmente em autogestão) funcionam à custa do trabalho dos seus operários?
- O governo diz "não ao Estado patrão". Nós, como quase um milhão de trabalhadores, perguntamos, então qual é o patrão das empresas estatizadas (64% da economia), além dos trabalhadores que dependem dos vários ramos da planificação do Estado? Donde partem as diversas tentativas de reactivação económica actual?
- Será a crise apenas nacional? Será que as medidas utilizadas pelos economistas burgueses ocidentais para a saída de

Continua Pág. 7

# Prática revolucionária/vida colectiva no couço

(Continuação p.1)  
 reunir já no tempo de fascismo, em 62, e mesmo de 58 para diante, cinquenta localidades todas juntas, discutiam o problema dos ordenados, a miséria que grassava aqui na nossa freguesia. E depois daí saiam conclusões dos trabalhadores dessas aldeias e dessas vilas, como essa das oito horas. Mas já se sabe que a luta não parou, continuou de novo e assim foi conquistando aumento de salário até ao 25 de Abril.

## A EXPERIÊNCIA DAS OCUPAÇÕES

P. - Entretanto acontece o 25 de Abril... Quando é que as ocupações começaram aqui na vossa zona?

Canejo - Nós não começamos logo as ocupações a seguir ao 25 de Abril, até porque nós tínhamos operários organizados, mas não estava a totalidade. Ora, após o 25 de Abril, a primeira grande experiência nossa foi ir junto do governo, ir junto de outras terras do nosso distrito exigir que nos fossem dadas possibilidades de formar o sindicato no distrito de Santarém. Ora nós que já aspirávamos a esse sindicato muito antes do 25 de Abril, fomos com o auxílio da intersindical junto do governo e deixaram-nos formar o sindicato. Fomos eleitos pelos trabalhadores seus representantes e começou logo a partir daí o esclarecimento aos operários agrícolas o que era o sindicato, e a terem a noção porque trabalhavam e para quem trabalhavam.

P. - Mas concretamente quando é que vocês fizeram a primeira ocupação?

Canejo - A primeira ocupação que nós fizemos, depois dos trabalhadores estarem consensualizados, foi a 16 de Junho de 75, ocupação apenas numa herdade em que os trabalhadores estavam já preparados para essa ocupação.

P. - E quando é que fizeram as outras ocupações?

Canejo - Depois a seguir fizemos ocupações no dia 23 de Julho. Depois mais tarde a 31 de Agosto e dia 1 de Setembro, dois dias seguidos e as últimas ocupações a 20 de Outubro.

P. - E qual é a superfície total da terra ocupada? A quantos capitalistas pertencia e quantos trabalham nessas herdades?

Canejo - A superfície total que está ocupada é mais ou menos de trinta mil hectares, pertenciam a 63/64 capitalistas latifundiários e trabalham nessas herdades entre 1.700 a 1.800 trabalhadores.

P. - E nessa área de 30.000 hectares ocupados quantas unidades colectivas de produção é que vocês formaram?

Canejo - 22 unidades colectivas de produção. Primeiro reuniam-se os trabalhadores que estavam nessas herdades, e formavam-se as comissões de trabalhadores eleitas democraticamente; depois de estarem eleitas essas comissões nós fomos ocupar o terreno, e ficávamos a reger a propriedade, não é?

P. - Como é que se processaram as eleições dessas comissões de trabalhadores em cada propriedade?

Canejo - Primeiro juntavam-se os trabalhadores e depois faziam o seu voto através do papel, escrevendo os nomes das pessoas que eles entendiam que deviam ficar. Aqueles que tivessem maioria nos votos eram e esses que ficavam dentro dos destinos...

P. - E em todo este processo revolucionário da intervenção dos trabalhadores, nós sabemos que os capitalistas, os reaccionários, os latifundiários não desarmam à pri-

meira e em todas as oportunidades eles tentam sabotar a vossa luta. Existem aqui exemplos concretos de sabotagens?

Canejo - A isso da sabotagem nós podemos dizer por exemplo que eles tentaram, embora não conseguindo, levar os gados todos a vender, tentaram não semear as terras. Já no ano de 74 tivemos que os obrigar a semear as terras, houve até herdades em que foram os trabalhadores que deitaram mãos à sementeira e fizeram-na, embora um bocado contra a vontade deles, eles continuam e nessa altura estão mesmo a pagar a pessaas, a lacaios para virem atacar as herdades, como aconteceu numa herdade colectiva em que foram lá e deram uma rajada de metralhadora para cima dos operários que estavam lá na vigilância.

P. - Vocês ali no lagar estão já a fabricar azeite. A como é que estão a vender o litro?

Canejo - Ora, nós estamos ali a fabricar o azeite. Temos já para cima de 30.000 litros de azeite fabricado e estamos a vender o azeite a 50\$00 o litro.

P. - Vocês quando ocuparam todas estas propriedades que animais é que havia e em que quantidades?

## ORGANIZAÇÃO DAS HERDADES

Canejo - Ah, nós quando ocupamos estas herdades havia um efectivo pecuário - enfim, não era suficiente, nem ainda hoje é -

mas nós hoje temos mais um terço do efectivo pecuário que havia nessa altura, pois já compramos. Em relação a sementeiras nós temos nesta altura quase ou mais de 50% semeado do que eles semeavam nos outros anos atrasados.

P. - Não me pode dar assim uma ideia dos animais que havia quando fizeram a ocupação?

Canejo - Quando nós fizemos a ocupação podia haver - mais ou menos - mil cabeças de gado; nós agora temos para cima de 1500. Só de uma vez compramos quase mil contos de gado.

P. - E que culturas já fizeram até hoje?

Canejo - Temos mais ou menos 500 hectares de trigo, temos também uma porção razoável de aveia, e de cevadas exóticas, cevadas brancas, centeios e forragens para gado. Temos projectos para fazermos novas cultu-



ras, por exemplo estamos a tirar o arvoredo de uma parte que está no plano de rega, tem cento e tal hectares, pois é já para este ano que vai ser regado... Para dar mais alimentação ao país e mais postos de trabalho. A nossa intenção é de continuar sempre a progredir para que os produtos cheguem ao consumidor mais baratos do que antes da reforma agrária. E temos já a confiança de que somos capazes de produzir mais barato.

P. - Quando fizeram a ocupação existiam máquinas?

Canejo - As máquinas que existiam e a maior parte delas existem ainda e terão de existir, poi há muita falta de máquinas, estão completamente podres. E essas máquinas eram e são insuficientes para a agricultura, embora naquela altura elas fossem suficientes, pois a agricultura que eles faziam era minúscula. Nós agora já adquirimos máquinas: duas ceifadeiras debulhadoras, uma enfardadeira, 10/12 tractores, pelo menos um em segunda mão e os outros novos. Alfiates temos um grande número, talvez já quase uma centena de alfiates novas compradas para funcionar.

Conseguimos dinheiro para isso com a organização dos trabalhadores, isto é: os trabalhadores vão deixando uma certa quantidade daquilo que têm (as economias), ao comité da reforma agrária, que essas 22 unidades colectivas formaram, e esse dinheiro que ajuda a vencer essas dificuldades.

P. - Como é que funciona o contacto entre essas 22 comissões de trabalhadores?

Canejo - O contacto passa-se da seguinte forma: essas comissões de trabalhadores que variam entre cinco a treze elementos mais ou menos em cada unidade colectiva têm reuniões, e também uma vez cada oito dias com todos os trabalhadores de cada uma dessas unidades colectivas. E têm além dessa reunião uma de quinze em quinze dias entre todas as 22 comissões em que discutem os seus problemas, analisam a sua situação e em que transmitem uns aos outros as suas dificuldades e encontram a solução através, por exemplo, ajuda mútua entre alfiates, entre máquinas e gados. Eles chegam a levar gados de uma herdade para outra, pois são precisos lá e eles não chegam a fazer pagamentos nenhuns, não há possibilidade de ter dinheiro para pagar a outra unidade colectiva. Mas isto eles compreendem, todo o nosso povo compreende, que o que está numa unidade colectiva de produção é tanto daqueles trabalhadores que lá trabalham como dos outros que trabalham nas outras.

Temos também o apoio de outras camadas sociais como pedreiros, carpinteiros, alfiates, pois eles estão com a reforma agrária e estão juntos connosco. Os pequenos e médios agricultores, a maior parte deles estão connosco (há salvo erro meia dúzia deles que não estão connosco), entregaram máquinas e algumas terras e estão a trabalhar.

Nós temos aqui um centro a que se dá o nome de Comité da Reforma Agrária, que foi debatido em reunião e foram eleitos cinco elementos para fazerem parte desse Comité ou Secretariado - como lhe queiram chamar - e que está a funcionar em relação as 22 unidades colectivas de produção. Esse Comité resolve a maior parte dos problemas das unidades e ajuda a criar cada vez maior união entre os trabalhadores.

A colaboração com os pedreiros, alfiates, carpinteiros e mecânicos processa-se nas ocupações; eles foram connosco, gostaram de participar e até mesmo com as suas migalhas que têm em dinheiro, poem ao ser-

viço da reforma agrária. Os mecânicos, nesta altura, são os que estão mais avançados junto de nós, pois esses estão já organizados e vão começar a trabalhar para a reforma agrária. Isto é, há duas oficinas que são as maiores que temos cá dentro da freguesia, que já nos foram entregar as suas máquinas, e ferramentas para que os operários possam começar a trabalhar todos em conjunto, e em pé de igualdade com os trabalhadores do campo. Vão trabalhar para consertar com mais rapidez essas máquinas e para ficar mais barato, para que o intermediário que levava o dinheiro, que estava entre o mecânico e a alfaia, não o leve. Vamos trabalhar todos em conjunto e eles vão receber um ordenado como sendo operários agrícolas, embora nesta altura recebam ainda o ordenado que têm no seu contrato colectivo de trabalho, mas está em estudo, em debate, irmos todos receber o mesmo.

## A VENDA DOS PRODUTOS

P. - Nas cidades formaram-se Comissões de Moradores e Cooperativas de Consumo e aqui no campo estão a formar-se cooperativas de produção agrícola; e como há interesse em acabar com os intermediários, eu pergunto se vocês têm contactos com esses trabalhadores de forma a conseguirem uma venda directa?

Canejo - Os nossos produtos estão a ser vendidos através de uma cooperativa já existente, que era dos grandes latifundiários, eram eles que lá dominavam, que é a cooperativa transformadora dos produtos do Vale do Sorraia. Já foram eleitos dois elementos que representam as nossas 22 unidades colectivas para estarem também dentro dessa cooperativa, através da qual estão a ser vendidos os nossos produtos, mas isto não está a funcionar.

P. - Aqui, em todas as aldeias da vossa zona, a maioria dos moradores estão organizados em Comissões, não é? Como é que elas funcionam?

Canejo - Eles começaram um pouco mais tarde do que nós, e estão nesta altura a organizar-se para poderem até fazer um trabalho muito válido. Mas já estão a trabalhar. Nós aqui temos oito comissões de moradores dentro da freguesia que reúnem de vez em quando - eu não sei bem, porque não estou ligado a isso - mas sei que reúnem pelo menos de quinze em quinze dias, para debater os problemas e até há já obras feitas, como por exemplo, balneários públicos que vão ser feitos e esgotos que estavam já projectados e começados já há vários anos (pelos menos há quatro anos).

## O QUE É A REVOLUÇÃO?

P. - Como é que consegue ter tempo para todas as actividades que tem?

Canejo - Nós temos que amar a revolução como amamos a família, porque se não se ganhar a revolução não se ganha o melhor nível de vida para a família. Nós entendemos que as pessoas antes do 25 de Abril tinham medo da política, mas nós entendemos também que sem a política ninguém consegue vencer na revolução. E nesta altura nós considerando-nos revolucionários, temos que abandonar todos os minutos vagos e empregá-los na revolução. É isso que acontece para que esta freguesia e outras neste género estejam devidamente organizadas. É que todos os segundos, todos os minutos, que nós temos disponíveis no trabalho, são empregues na revolução, são empregues na luta política do nosso país. Luta política por tudo aquilo porque luta-

mos - a reforma agrária e tudo o mais - é político. Nesta altura em que a situação política em Portugal está ameaçada, mais é preciso unir esforços e unirmo-nos todos os operários.

Quer dizer, a pergunta que me é feita, como é que eu consigo ter actividade, desenvolver tanto trabalho durante o dia... eu posso dizer que isto enraíza-se em nós, o espírito de luta obriga-nos a trabalhar. Entendo que nem todas as pessoas têm vontade de sacrifício e há quem tenha menos vontade de fazer sacrifício. Eu não sei, mas talvez eu nascesse assim, com vontade de lutar pois continuo sempre a lutar. E nesta altura desenvolvo esta actividade toda durante o dia porque entendo que um minuto ou um segundo parado na revolução, perde-se a revolução. A nossa revolução exige, exige que não nos deixemos perder, sequer um minuto, do nosso trabalho. Trabalho para que não se perca um minuto na revolução. E eu entendo e posso dizer: tenho reuniões pedidas para trabalhadores dentro do concelho de Coriche, talvez durante um mês a fazer duas reuniões por dia e não consigo fazê-las todas.



P. - Quantos anos é que você tem?

Canejo - Eu tenho 42 anos e estou na luta desde 1952. Portanto desde 52 comecei a lutar ao lado dos trabalhadores, por eles, por eles e por mim próprio, como trabalhador - e até entendo e continuo a dizer é que um revolucionário não precisa de lutar por si nem por os seus filhos, nem por a sua família, porque sendo trabalhador, lutando pelos outros trabalhadores luta por si próprio, lutando pelos filhos dos trabalhadores também luto pelos meus, sendo eu trabalhador. Entendo que só não tem aquela luta aguerrida, como eu faço durante todo o dia, aquele que ainda hoje pensa no egoísmo. O egoísmo, para mim, entendo que é uma das armas piores que o fascismo deixou, que hoje é a arma deles. É o nosso egoísmo, o egoísmo que nós tinhamos no tempo do fascismo. Mas nós temos que o ultrapassar, e eu como já ultrapassei esse egoísmo - porque para mim o dinheiro não tem valor - para mim não há aquele egoísmo do dinheiro, como muitas pessoas ainda têm, para mim esse egoísmo acabou. O que conta nesta altura é a liberdade do povo, a minha liberdade, a liberdade de todos nós, quer dizer, o sentir e o ver um país diferente, porque eu acho que todas as pessoas que viveram escravizadas como eu vivi e vivo ainda praticamente, embora estejamos agora nesta transição, pois eu entendo que essas pessoas todas devem fazer o maior sacrifício para que a gente consiga levar para diante esta revolução, até conquistar o socialismo em Portugal. Porque também entendo e acho que a maioria que trabalha está empenhada nesta missão. Entendo também que neste país em que há mil e um partido, entendo que isso está tudo errado, isso está tudo errado. Entendo que só há dois partidos no mundo; ora no meu país, que é tão pequenino, não devia haver tantos partidos. Entendo que só devia haver dois partidos: o do capital e o do trabalho.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

# o estaleiro

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA DOS TRABALHADORES DA LISNAVE - ABRIL 1976  
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AV. ALFAMA Povo M.F.A. 1. ALFAMA - TEL: 27091 275 4121 P.S. 61-81  
 PROPRIEDADE: LISNAVE - DIRECTOR: CARLOS GOMES (L.S. 7)

Foi publicado o segundo número do "ESTALEIRO" - jornal dos trabalhadores da LISNAVE.

Neste número, além de vasta informação sobre questões meramente relacionadas com a organização interna da empresa (condições de trabalho e de segurança) há a registar dois textos sobre organização dos assalariados rurais: "Cooperativa do Barcouço" e "Cooperativa Companheiro Vasco"; uma entrevista com uma coordenadora da CUF onde se abordam questões da "apropriação de capitais do grupo CUF no Brasil".

De todo este vasto material, transcrevemos integralmente o editorial.

## CONDIÇÕES DE TRABALHO

*Durante os 48 anos que durou o regime fascista os patrões, representantes do capital, exploraram a seu bel-prazer uma mão-de-obra barata e dócil, atemorizada por uma repressão feroz que se abatia sobre os trabalhadores, logo ao primeiro sinal de protesto ou de luta. Todos ainda se lembram da forma violenta como foi reprimida a greve dos trabalhadores directamente produtivos da Lisnave em 1969, desde a intervenção de forças de choque e cães policiais até ao despedimento daqueles que foram considerados como chefes deste movimento.*

*O patronato, protegido por toda uma legislação fascista, impunha ritmos de produção excessivos, exigia horas suplementares, criava a laboração contínua, mantinha desumanas condições de trabalho. Muitos eram então os acidentes de trabalho na Lisnave que se quedavam por alguns mortos e bastantes incapacitados. A vida de um homem, de um operário, valia, nesta altura e para os patrões, menos do que uma avaria numa máquina. E compreende-se, já que para eles um homem era mais fácil de substituir, devido ao número grande de desempregados, do que uma máquina.*

*Já depois do 25 de Abril, os jornalistas estrangeiros que vinham a Lisnave ficavam horrorizados perante a percentagem de sinistros que aqui ocorriam. E que a Administração explicava invariavelmente apenas porque os operários não cumpriam as instruções de segurança que lhes eram dadas.*

*Só quem conhece o duro trabalho a bordo, dentro dos tanques ou das caldeiras, só quem já aí se deslocou, pode avaliar a dureza e o risco deste trabalho em que dezenas de degraus têm de ser descidos e subidos, várias vezes ao dia, caixas de ferramentas às costas.*

*Os trabalhadores da Lisnave, para além do aumento justo dos seus salários, devem exigir e lutar por condições de trabalho capazes e que diminuam, ao mínimo, os riscos que diariamente correm. Os trabalhadores da Lisnave, como das restantes empresas do país, não podem continuar a constituir carne para encher os bolsos ao capital.*

TITO LIVIO

**Contra o Corrente**

ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

- O QUE SOMOS E O QUE QUEREMOS - SOLIDARITY/LONDON
- TESES SOBRE O BOLSCEVISMO - I. C. C. (1930)
- LUTAS SOCIAIS NA CHINA - JOÃO BERNARDO (1956)
- RUA DO BARRILEIRO, 50 - PORTO
- RUA DA ATAÍADA, 264-268 - LISBOA 2

# MORADORES DIZEM NÃO ÀS DESOCUPAÇÕES

No último número publicámos a primeira parte de uma entrevista com alguns ocupantes de um prédio da Rua da Artilharia Um.

Contaram-nos o que tem sido a sua luta desde a ocupação, a ajuda que têm tido dos outros explorados e a acção directa que têm desenvolvido, inclusivê o confronto directo com a polícia, no sentido de assegurar

gurarem tudo aquilo a que têm direito: um lar decente, uma vida melhor.

Nesta segunda parte, que a seguir publicamos, dizem-nos como encaram as forças repressivas do Estado: polícia, GNR, exército, dão a sua opinião acerca dos ladrões e transmitem-nos como evoluíram as relações entre as pessoas e do projecto comum que pretendem criar.

eles só vêm com grande esforço; a descontração destes indivíduos é tal que se assentam com ar de grandes burgueses e ao fim e ao cabo quando vieram para aqui eram uns pelintras e ainda por cima gozam...

**COMBATE** - É que a gente fecha-se em casa. Aqui é o nosso estado. Estamos lá metidos dentro e só nos interessa o que se passa lá dentro e é isso o que gera a desuniao.

**Morador A** - Mas o que eu admiro é que um dos vizinhos que diz ser comunista e procede desse modo.

**COMBATE** - Isso de se dizer comunista..Comunista há que o ser na prática.

**Morador A** - Não são comunistas. São comodistas.

**COMBATE** - Estas casas ocupadas deveriam estar organizadas de forma diferente: por ex. pouca gente pode comprar livros ou mesmo jornais ao preço a que estão - porque não arranjar um processo de comprar jornais e livros em conjunto e pô-los aonde toda a gente os possa ler e discutir...

A seguir há uma animada conversa em que se chega à conclusão que uma garagem que existe no prédio podia ser utilizada em comum: para reuniões, para diversas actividades e mesmo instalar oficinas onde os desempregados possam trabalhar, etc.

## LADRÕES, CAPITALISTAS E CALÕES

Há uma coisa que nós temos que chamar a atenção. 90% ou até 95% da PSP e da GNR são uns calões, que nunca na vida quiseram trabalhar. Só os que fogem do trabalho é que vão para ali. Eu fui tropa e tive a probabilidade de despir a farda daqui e vestir a outra ali. Mas eu não quis porque já sabia que tinha que vir bater num homem, ou até matar, quem nunca fez mal nenhum.

**Morador B** - Se for para despejar vem cá a polícia de choque, e em última instância os comandos. Nós não temos medo dos comandos. Mas sei que andam uns cem ou duzentos indivíduos a roubar no metro e nunca vi nenhuma saída para os detectarem. Ora quem é que paga? É o trabalhador. Porquê? Porque os ladrões vão dar-lhes dinheiro com dinheiro roubado aos trabalhadores. A polícia a eles não os prende. Então que fazer? Eles julgam mais do próprio ladrao que de um trabalhador que ocupou uma casa e tem direito a ela. Mas tem medo dos ladrões porque também usam armas e nós não temos armas. Mas daqui para a frente vamos fazer armas nossos.

**COMBATE** - Para nós os grandes ladrões são os capitalistas. Suponha que não tem possibilidade de arranjar emprego e tem mulher e filhos que estão a passar fome. O quê que o camarada fazia?

**Morador B** - Aí está o problema. Eu quando for roubar, vou roubar os latifundiários, há muita vivenda no Restelo que se têm de arrombar. Estas vivendas não são de trabalhadores. Agora os tipos que andam no metro não são os burgueses. Os burgueses até não querem apertos, têm os seus brutos carros. Por isso eu até condeno o próprio trabalhador que rouba ao trabalhador.

**COMBATE** - O camarada tem consciência disso. Agora, há muitos que não têm e estão desempregados, e não sabem que fazer. Há ainda trabalhadores que dizem: "Quem nos dera o tempo de Salazar". E não é por isso que vamos apontar armas contra eles...

**Morador B** - Sim claro, é que esses trabalhadores estão mal informados.

## E... OS GDUPS?

**COMBATE** - Há que os chamar à luta... Quando se avançar para a revolução, se a burguesia ataca nós defendemo-nos, mas o que não vamos fazer é fusilar um trabalhador por roubar.

Há bocado falou no apoio das comissões de moradores e dos GDUPS. Há aqui algum GDUP na zona?

**Morador B** - Aqui na zona só há a sede central.

**COMBATE** - Bem, mas o que é que eles tem feito? Há algum GDUP que esteja com vocês na luta?

**Morador B** - Não, por enquanto não está nenhum GDUP, quer dizer nenhum membro particular dos GDUPS, estão todos. Quer dizer quando nós nos sentirmos aflitos já vimos que nos dão apoio. Quando houver desocupações os GDUPS irão lá fazer força. Os trabalhadores estarão lá. Além de que eu tam-

bém desejo dizer que como este sr. (morador A, nesta entrevista) sou partidário. Mas revolucionário serei sempre. Já o era no tempo da outra senhora.



**Morador A** - Penso que o povo, em muitas circunstancias, devia ser mais massacrado e eu falo por esta razão: É que o sr. Mário Soares tudo prometeu ao povo e o socialismo que ele vinha falar ao país levou o povo todo a votar nele e depois de ele entrar lá para o governo deixa fazer tudo: como os tribunais querem fazer, como as câmaras querem fazer... Aquilo que ele dizia é o que ainda hoje diz. Até não tem vergonha de dizer que está com o povo português. É mentira. Não está com o povo português

## AS CASAS OCUPADAS PODEM SER DIFERENTES

**COMBATE** - O capitalismo que Mário Soares pretende é diferente do de Marcelo. Mas ele não pretende acabar com a exploração, quer outro tipo de desenvolvimento económico e quer beneficiar outras camadas: os chefes, os gestores... Não os trabalhadores que vão ser beneficiados.

Há lutas nas fábricas, lutas por ocupações, mas o que é necessario é que os trabalhadores se unam e descubram a sua força. Têm de se contactar sistematicamente. Sempre que há injustiças contra os trabalhadores, quando há leis contra os seus interesses, e quando a polícia é enviada contra eles, arranjar formas de rapidamente se conseguirem juntar e lutar em conjunto. A força dos trabalhadores é a sua união.

**COMBATE** - Acho que as casas ocupadas têm de ser diferentes, pois são trabalhadores que comunicam entre si e estão mobilizados para uma luta e dentro dos prédios há que arranjar formas diferentes de conviver.

**Morador A** - É pena que não seja assim...

**COMBATE** - Se há pessoas que não respeitam esse modo de vida em comum, não podem estar em casas deste tipo!

**Morador A** - Num dos nossos plenários, para estudar novas formas de luta, a primeira coisa que discutimos foi que tínhamos de lhes chamar a atenção. Perguntar-lhes o que pensam que são aqui dentro deste prédio ocupado por nós. Porque nós sabemos que eles não participam em nada, nem em plenários nem em manifestações...

**Moradora** - Já fomos diversas vezes dizer-lhes: "Olha, há aqui uma reunião em baixo",

## Uma carta sem resposta

**Morador A** - Agora vou ler uma carta que enviei ao presidente da Câmara. É digna que apareça neste jornal porque ele não me deu resposta. Foi enviada em 28/12/75, falando eu em nome de todos os meus camaradas de luta.

"Eu, ..., morador no prédio da Rua da Artilharia Um ..., por nós invadido em 28/3/75, como deve ser do seu conhecimento, eu acima assinado falando em nome das 10 famílias que aqui habitamos, fui eu que adquiri documentos assinados pelo Mercado da Habitação e Junta de Freguesia de S.Mamede, para assim as companhias de água e electricidade fazerem as ligações que estavam cortadas pelo senhorio, o que nos custou alguns milhares de escudos. Mais ainda cheguei a saber que em 1970 este senhorio pediu uma construção para o mesmo prédio o que foi indeferido pelo governo deposedo.

Sr, Presidente, nós fomos à fazenda, as finanças, gastamos dinheiro em tudo que nos foi exigido pelo Mercado da Habitação, pela comissão de Moradores, pela Junta de Freguesia, tudo deu entrada no Mercado da Habitação onde repousa há largos meses, porque? Ora eu perguntei senhor presidente se este senhorio não foi autorizado no seu pedido em 1970, não denunciou o prédio ao Mercado da Habitação, andava a demolir o prédio por dentro sem a devida licença, eu pergunto à face das leis decretadas sobre a habitação quem é o maior transgressor? Eu pedia ao sr, Presidente não perdendo o um bocado de oportunidade se debruce sobre este caso bem estudado, já veio aqui o Copcon, polícias da Câmara, está tudo visto e revisto pelas autoridades. Nós queremos os nossos contratos, queremos pagar a nossa renda a que nos for imposta pela lei. Aqui fica o meu apelo, esperando com brevidade uma resposta. Cumprimentos. Tudo pela democracia. a)"

Até hoje a resposta nunca deu entrada aqui no prédio.



## TRISTE HISTÓRIA DE UNS MORADORES

Esta história começou aproximadamente há três anos e passou-se na rua de Barros Lima, nº931 -C - 10 Esplanada (Quinta do Gama).

A história é a seguinte:

Em 1973 o proprietário da dita casa põe em tribunal uma acção de despejo com a subaluga. O mesmo ganha a questão mas a subaluga tem de receber uma indemnização de 150 contos quando da entrega da casa.

Acontece que a subaluga já lá não mora, ficaram na casa cerca de umas dezenas de moradores pobres que tinham alugado apartamentos e de onde a subaluga tirava por mês uns poucos de milhares de escudos (aproximadamente recebia sete mil escudos e pagava de alugar mil novecentos e cinquenta). Agora em 1976 é dada a ordem de despejo. Quem sofre essa ordem de despejo são cerca de treze famílias que ainda lá vivem, mais propriamente dito, aproximadamente quarenta pessoas, algumas delas já exploradas pela subaluga.

### A MORAL DESTA HISTÓRIA É A SEGUINTE:

A subaluga já lá não vive. A acção de despejo é dirigida a ela, mas quem sofre são aqueles moradores pobres que lá habitam, vivendo em péssimas condições, na MISÉRIA!

No entanto a subaluga mais rica fica enquanto os moradores, esses, mais na miséria ficam.

SERÁ QUE VAMOS CONSENTIR QUE ESSES MORADORES POBRES E NA MISÉRIA VENHAM PARA A RUA ...SEM UM TELHADO PARA OS ABRIGAR? NÃO! ... PARA ISSO TEMOS QUE LUTAR; TEMOS DE AVANÇAR TODOS OS OBSTÁCULOS PORQUE AS PESSOAS NÃO SÃO NENHUNS BICHOS PARA SEREM ASSIM TRATADOS...

Depois da história que contamos queremos também informar todos os moradores que este despejo não se efectuou até ao dia oito de Julho de 1976, mediante o trabalho feito por alguns moradores da casa em questão. Acontece que estes moradores nada mais conseguiram do que adiamentos para o despejo, embora tentassem que ele não se efectuasse, não o conseguiram de todo.

Aconteceu que no dia 9 de Julho a ordem de despejo foi cumprida pelo tribunal, embora com toda a calma dos moradores, pois tendo sido para isso distribuído no dia anterior um comunicado de apelo aos moradores.

Depois do despejo foi contactado o governo civil (por causa da palavra dada a aos moradores em dias anteriores) e a palavra foi cumprida e os moradores no mesmo dia alojaram-se nas suas casas com ordem do governo civil do Porto, temporariamente como requisição da casa ao senhorio até que seja resolvida a sua situação como desalojados, situação esta que será resolvida pelo governo civil.

## França: ocupação de tipografia

(Continuação p.8)

papel; o tipógrafo será algumas vezes impressor; o impressor será algumas vezes linotipista. É uma maneira para todos os trabalhadores experimentarem os problemas de cada categoria de trabalho, de verem as condições do trabalho e os salários recebidos. Mas não é, na realidade, possível falar da organização do trabalho, pois cada camarada pode tomar a iniciativa que julga apropriada.

Para nós, a coisa principal é a publicidade, popularização, e uma iniciativa é útil desde que sirva à popularização da nossa luta. E finalmente as comissões deixaram de existir. Os camaradas preferem ocupar-se por si próprios, intervir em reuniões na região ou então editar artigos, folhetos ou papéis.

Tudo foi posto em questão. Qualquer um tem possibilidades de fazer qualquer coisa. Antes as pessoas diziam: "Não consigo escrever", "Não sei imprimir", "Não falo bem", "Sou tímido". Mas hoje - de facto já há alguns meses - os camaradas perceberam que uma vez que controlem a sua vida, eles podem escrever, falar, fazerem tudo o que quiserem.

- Que espécie de trabalho fazem, para além do material sobre a vossa luta?

Sim, somos impressores, e a imprensa é um meio de informação, um meio de comunicação. Imprimimos para algumas organizações polí-

ticas e sindicatos, mas tal depende da sua política. Nós nunca imprimimos para a CGT, por exemplo; por outro lado imprimimos sempre para organizações políticas da extrema-esquerda e para as facções de esquerda dos sindicatos.

Tentámos sempre afastarmo-nos da produção pela produção, contudo. Acreditamos que o nosso papel é o de militantes na luta de classes e então a divulgação tem prioridade sobre a impressão.

- Que espécie de ligações realizaram vocês a nível nacional?

Na Normandia existiam outras duas tipografias ocupadas, uma em Yvreux chamada Michéles Frères, e a outra em Caen. Fixámos uma data para uma acção colectiva mas eles rejeitaram-na porque não eram suficientemente fortes para se manifestarem conosco.

A nível nacional existem dez outras tipografias ocupadas. É difícil fazer qualquer trabalho conjunto porque nos vêem como esquerdistas.

O que estamos fazendo a nível nacional é tentar uma ligação com outros locais de trabalho com problemas similares aos nossos, com a Lip em Besançon, Griffé em Marseille, e trabalhadores em Chassaurès de Fougères, assim como com muitos outros locais.

Mas ter ligações fábrica a fábrica coloca problemas que são difíceis de resolver.



## ASPECTOS DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL

(Cont. pag.3)

grande crise de 29-32 - intervenção directa do Estado na vida económica - ainda eficazes?

Como o 25 de Novembro não foi à la Pinochet, não foi também à la Noske \*\* antes tentou limitar as intervenções do Estado às empresas rentáveis, deixando assim aumentar o desemprego?

Será a preocupação deste governo acabar com o desemprego, quando com 700.000 desempregados, promete não intervir em empresas não rentáveis?

A inflação cresce dia a dia, será que as conquistas que os trabalhadores conseguiram depois do 25 de Abril, valerão hoje alguma coisa?

Que tipo de democracia existe nas fábricas quando há substituição (despedimentos até) dos trabalhadores mais activos

nas lutas, em nome da produtividade, os plenários não são permitidos e o direito à greve é restringido?

- Porque é necessária uma política de austeridade quando há 65 dos trabalhadores que não ganham mais que seis contos mensais? Não é verdade que a austeridade já existe para a maioria dos trabalhadores?

Esta situação de crise vai aprofundar-se. Milhares e milhares de trabalhadores não têm outra hipótese a não ser entrar em luta. A política deário Soares não interessa aos trabalhadores. Interessa a burguesia? Vamos ver.

\* Forma de quantificar a valorização da terra.

\*\* Noske foi o leader da social-democracia depois da "Comuna de Berlim" onde foi assassinada Rosa Luxemburgo, na Alemanha de 1921.

(COMBATE)

## apoia o combate

CAMARADA:

PARA CONSEGUIRMOS MANTER O COMBATE TAL COMO ELE É, PRECISAMOS DO APOIO MATERIAL DE TODOS AQUELES QUE ACHAM IMPORTANTE A SUA CONTINUAÇÃO.

ACTUALMENTE NÃO PODEMOS MANTER A PERIODICIDADE DO JORNAL, APESAR DE CONSERVARMOS "QUINZENAL" NO CABEÇALHO.

TENTAREMOS, NO POSSÍVEL, QUE SAIA DE TRÊS EM TRÊS SEMANAS: AS ASSINATURAS CONTAM EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE EXEMPLARES E NÃO AO TEMPO.

PODES APOIAR-NOS:

- AJUDANDO A DIFUSÃO DO JORNAL NO TEU LOCAL DE TRABALHO, OU NA TUA REGIÃO, SE ELE NÃO FOR AÍ DISTRIBUÍDO COMERCIALMENTE.
- ENVIANDO-NOS MATERIAL: CRÍTICAS, ENTREVISTAS, DESENHOS OU FOTOS, COMUNICADOS DE LUTAS, ETC.
- FAZENDO-TE ASSINANTE OU FAZENDO ASSINANTES OS TEUS CAMARADAS E AMIGOS.
- FAZENDO ACTIVIDADES PARALELAS QUE POSSAM CONTRIBUIR PARA APOIAR O COMBATE.

## Reuniões Combate

O jornal COMBATE tem a sua sede nas LIVRARIAS CONTRA A CORRENTE, em Lisboa na Rua da Atalaia, 204 (Bairro Alto) e no Porto, na Rua do Breiner, 50.

Podes encontrar pessoas dos colectivos todos os dias (Lisboa das 14,30 horas às 20) telefone: 371733; no Porto das 9 às 19 horas) para te informares, bateres um papo e apresentares as tuas sugestões e críticas. As reuniões dos colectivos para discutir as actividades de agitação e de análise das situações globais e pontuais a serem escritas nos editoriais são feitas em Lisboa todas as terças-feiras e no Porto todas as quartas-feiras, às 21,30 horas.

QUERO ASSINAR O COMBATE DESDE O Nº ...

1 ano (26 números) 96\$00  
6 meses (13 números) 48\$00  
Apoio (anual) 120\$00 mínimo  
Europa (anual) 212\$00 por avião  
USA (anual) 264\$00 por avião  
Angola (anual) 216\$00 por avião

QUERO VENDER ... EXEMPLARES DO COMBATE

Junto envio .....\$...

(Todos os cheques e vales devem ser enviados em nome do director)

# FRANÇA: ocupação de tipografia desde setembro de 1975

A IMPRIMERIE ROUENNAISE (IMRO), uma tipografia da Normandia, foi fechada pelos patrões em 29 de Setembro do ano passado e 120 trabalhadores foram atirados para o desemprego. A resposta dos trabalhadores foi a ocupação.

Nos dias 12 e 13 de Junho de 76 realizaram um encontro/festival chamado "Porte Ouverte" (Porta Aberta), convidando trabalhadores de toda a França, como meio de popularizar a sua luta e trocar experiências.

A entrevista que a seguir publicamos é traduzida do número de Julho-Agosto do jornal inglês "Anarchist Worker"

## INÍCIO DA OCUPAÇÃO

Temos lutado contra os despedimentos há mais de dois anos. Em Dezembro de 74, para dar um exemplo, (de facto há centenas deles), fomos ameaçados com 25 despedimentos. Ocupámos a fábrica e continuámos a usar as máquinas. Depois de quatro dias em greve, através da nossa unidade, vencemos contra os despedimentos. Isto foi um facto excepcional, uma coisa não vista na indústria da imprensa há anos. O nosso sindicato disse que isto era uma luta aventureira e esquerdista, apesar de termos vencido.

Na imprensa, quando entramos em greve temos direito a receber o fundo de greve do sindicato. Mas nunca nos pagaram; então o que nós fizemos foi pagarmo-nos a nós mesmos as quotizações sindicais em vez de as enviar ao sindicato em Paris.

Outro exemplo da combatividade dos trabalhadores da IMRO foi o caso do "Parisien Libre". Quando se encontravam em greve, o jornal foi impresso nos dias 10 e 11 de Março de 75 noutra tipografia em Rouen. Os trabalhadores da IMRO, com a ajuda de alguns camaradas da imprensa parisiense, organizados em piquetes, pararam os camiões de distribuição, apesar da presença dos CRS (Polícia de Choque francesa).

- Porque é que vocês se decidiram pela ocupação?

Durante alguns anos os patrões da IMRO e o patronato da área de Rouen pretenderam dar uma lição aos trabalhadores - porque, devido à nossa luta, eramos um exemplo para toda a região e para os gráficos da França. Todos nós fomos despedidos em 29 de Setembro de 74; desde há muito tempo que cada disputa que surgia na fábrica a ocupávamos. Portanto, quando eles anunciaram os despedimentos, não chegámos a votar pela ocupação; para nós era uma coisa muito natural, como comer e dormir.

- Quais eram as vossas reivindicações nessa altura?

Há nove meses as nossas reivindicações eram a reabertura da fábrica e manter todos os empregos. Para nós a única maneira de continuar o trabalho era trabalhar na IMRO, pois que na região de Rouen um em quatro trabalhadores gráficos estão desempregados. Lutámos contra a política do governo assim como os patrões da IMRO. Era uma luta política não apenas uma luta sindical.

- Exactamente como levaram a cabo a ocupação?

A nossa primeira tarefa era impedir o dono de entrar, quer dizer, termos controlo na fábrica através de nós próprios, os trabalhadores. A coisa seguinte que fizemos foi organizarmo-nos em comissões. Pensamos que todos os trabalhadores podem participar igualmente na condução da luta. Para nós a coisa principal é a democracia operária na mais vasta escala. Não pensamos que os quadros sindicais estão qualificados para definir a luta, para dizerem como deve ser conduzida. A nível de trabalho das comissões, os camaradas procuram iniciativas, formas de luta e contactos; e a nível de toda a estrutura a assembleia geral de todos reúne as comissões, onde cada uma faz as suas propostas, e cada proposta é discutida e decidida pela assembleia.

Mas de facto estas reuniões realizam-se raramente, pois as camaradas não gostando de trabalhar numa única comissão, preferem juntar-se, observar e trabalhar em todas as comissões e deste modo a assembleia é superflua. Em certos períodos quando tinham de tratar de maiores problemas, de iniciativas a levar a cabo na empresa, tínhamos reunião de todos os camaradas para decidir da orientação da luta, dumha actividade particular.

- Vocês tiveram algum problema com o patrão ou com a polícia?

Nunca tivemos problemas com o patrão, já que antes da ocupação os patrões nada tinham a dizer-nos. Fizemos o que quisemos neste lugar.

Com a polícia, contudo, é uma questão



bem diferente. Para começar, a ocupação da fábrica era ilegal, e em Janeiro fomos avisados para comparecer perante o Tribunal de Rouen, onde nos ordenaram a saída da fábrica a 27 de Janeiro. Apesar de tudo isto, estamos ainda aqui hoje, 13 de Junho. Pensamos que a polícia virá dentro de algumas semanas, devido as nossas acções, e devido ao facto de sermos populares em toda a região e até mesmo conhecidos através da França. A única solução para o governo é mandar a polícia. Até agora eles não se atreveram a fazê-lo, já que somos conhecidos. As fábricas entrariam em greve. Mas durante as férias todas as fábricas estão fechadas em Rouen - e é quando eles o farão.

- O que aconteceu desde então?

A história da ocupação é muito difícil de descrever, já que em nove meses de luta existem dúzias e dúzias de coisas para dizer. Existem as relações entre os camaradas aqui; existe um monte de problemas que tivemos com organizações políticas e sindicatos; existe o facto de nós imprimirmos por nós próprios fazendo-nos compreender como trabalhadores.

Tivemos encontros no estrangeiro, na Alemanha Federal e na Inglaterra; dentro de poucas semanas teremos reuniões na Bélgica e Itália.

Em poucas palavras, as mais importantes acções foram a ocupação da catedral de Rouen e atirar uma grande quantidade de comunicados do seu cimo. Impedimos o Ministro da Justiça, o Presidente da Câmara de Rouen, de entrarem na rua em que se encontra a fábrica. Ocupámos os escritórios do jornal "Journal de Rouen", que nunca tinha escrito nada sobre nós; devido a esta acção publicaram diversos artigos sobre nós. Desde Fevereiro estamos a realizar o nosso filme, que queremos que seja um filme não só da IMRO mas de todos os trabalhadores da região que estão a lutar por melhores salários ou por empregos. O filme abrange estudantes em greve, tal como trabalhadores, miúdos da escola, etc. É uma maneira de coordenação, uma ligação da luta na região.

O nosso sindicato nacional está contra esta tentativa de coordenar as lutas. Isto é um problema para nós e será assim que seremos expulsos do sindicato.

- Qual foi a função exacta do sindicato?

Somos apoiados por uma maioria do sindicato em Rouen, e pela secção de imprensa de toda a Normandia. Durante vários anos temos sido caracterizados como a facção esquerdista do sindicato - isto está escrito a preto e branco no órgão oficial da nossa Federação Francesa dos Trabalhadores do Livro. Sempre acreditámos que a luta para avançar as nossas ideias deve ser também levada a cabo no sindicato, de forma a que secções de outras cidades se unam às nossas ideias. Por vezes tivemos sucesso outras vezes não, mas através disto a IMRO é muito conhecida, muito popular em toda a indústria da imprensa francesa e em todos os sindicatos da região.

A única solução para a burocracia do sindicato é sermos expulsos da CGT e da FFLT, já que politicamente não estamos de modo nenhum de acordo com eles; e cada vez mais trabalhadores estão de acordo conosco.

## AS RELAÇÕES DIÁRIAS

- E sobre as mulheres na IMRO?

Metade dos empregados são mulheres. Têm recebido 90% do quinhão e têm preferência ficar em casa tomando conta dos seus miúdos em vez de pagarem a uma ama. Assim encontram-se poucas mulheres na ocupação. Mas comecemos muitos erros em relação a elas, quer dizer que os homens não compreenderam porque era necessário trazer as mulheres para a luta. Mas não somos pessimistas. Temos atravessado um longo caminho

resolvendo problemas destes, e há muitas mulheres que ocupam este lugar conosco apesar de tudo, que participam em todas as acções, que de facto planeam as acções e existe um grupo de mulheres que regularmente fica de noite na fábrica.

- Porque será que as mulheres preferem ficar em casa?

Pensamos que isso é consequência da ideologia burguesa, que impede as mulheres de se verem como trabalhadoras. A ideologia diz-lhes que não trabalhem por um salário para si mas somente para mais um pouco de dinheiro para a família, já que os seus maridos estão a trabalhar; elas são mal pagas porque trabalham apenas por dinheiro para as despesas miúdas. As mulheres que estão conosco na ocupação são mulheres que através da discussão que tivemos, através das reuniões que tivemos juntos, crianças, homens e mulheres, compreenderam o significado da ocupação e as razões para a luta. A repressão da ideologia burguesa significa que uma mulher não deve participar em discussões, na luta, e na formulação das reivindicações. Há também o problema de que o marido quer ser activo na luta e a mulher tem que ficar em casa a olhar pelas crianças e a preparar a comida. Nós na IMRO acreditamos que nos devemos ocupar com esta questão cada vez mais, pois as mulheres são metade da classe trabalhadora e é impossível vencer sem elas.

## O FUTURO DA LUTA

- Qual é o objectivo da luta aqui na IMRO? Querem vocês que a fábrica seja reaberta por um novo chefe ou querem continuar a ocupação?

Claro, a nossa preferência é continuar a ocupação.

Hoje realmente vivemos as nossas vidas. Antes, quando estavam aqui os patrões, roubavam-nos as nossas vidas; obrigavam-nos a imprimir coisas que eram contra os interesses da classe operária e portanto contra nós. Sabíamos disto; e sempre tivemos consciência do facto. As nossas reivindicações são a reabertura da fábrica e manter os empregos, já que esta maneira para nós é a única de encontrarmos trabalho na região, de evitarmos a repressão policial e infligir uma derrota ao patronato. Isto não significa que estamos pedindo esmola aos patrões. Continuaremos a nossa luta, e continuá-la-emos com vigor, com mais vigor do que antes.



Existiram duas possibilidades para a empresa reabrir as suas portas. Os dois donos disseram não no último minuto. Estavam muito assustados, com medo dos trabalhadores da IMRO. Foi uma pena, pois se isso acontecesse teríamos hipótese de dizer "Vencemos novamente". Hoje estamos certos que não existirá mais nenhuma tipografia substituindo a IMRO.

- Vocês ouviram falar da "Briant's Colour Printers" em Inglaterra, onde um novo dono reabriu a fábrica depois de uma ocupação, apenas para a fechar novamente alguns meses depois?

É importante compreender isso, tendo vencido uma vez contra os despedimentos não significa que deixarão de existir problemas, pois o patronato é o patronato, e eles sempre explorarão os trabalhadores. Se esta empresa reabrir, acima de tudo nós continuaremos a nossa luta, e necessariamente existirá em qualquer outro dia, um novo encerramento - já sabemos como são os patrões. É por causa disso que pensamos que para obter a vitória final significa nem mais nem menos mudar toda a estrutura da sociedade. Significa lutar contra o capitalismo. Eis porque rejeitamos a ideia de cooperativas de trabalhadores sobre o capitalismo, criando uma cooperativa em cada fábrica, uma pequena ilha de socialismo. Sempre estivemos muito firmes nesta questão - somos fundamentalmente contra as cooperativas operárias.

Mesmo agora, em vez de autogestão preferimos ir para diferentes locais de trabalho e continuar a explicar as nossas posições, pois assim existirá um maior numero de trabalhadores que se juntam à luta com as mesmas ideias que nós. Pensamos que não podemos vencer as nossas reivindicações isoladamente, lutando no nosso local de trabalho. Necessitamos de coordenar com outros locais que têm os mesmos problemas que nós, através da França. Por exemplo com os gráficos em Caen, com os trabalhadores de rotótipos da Lip, com um grande numero de outros lugares que têm os mesmos problemas que nós.

- Mencionaste a ocupação em Caen, que recentemente foi arrasada pela polícia. Estão preocupados que a mesma coisa aconteça aqui?

Bem, pensamos que os camaradas em Caen não tiveram suficiente apoio popular na região. Eles foram postos na rua depois da sua audiência na câmara, ao passo que nós estamos aqui há nove meses.

A polícia tem medo de nós, e pensamos que eles usarão guardas móveis, parte do exercício, contra nós. Vivemos com a sensação que eles podem vir dentro de seis minutos ou de seis meses. É um problema perante o qual estamos sempre vigilantes. Pensamos replicar à polícia pela força, mas a disposição dos edifícios torna isso impossível. Nós decidimos, contudo, como será a nossa resposta uma vez vinda a polícia. Não podemos deixar que isso se publique em qualquer jornal, pois a partir de tal a polícia terá conhecimento de tudo. Mas podemos contudo dizer à polícia - e estamos orgulhosos de tal - que eles terão trabalho para nos porer fora.

## LIGAÇÕES INTER-EMPRESAS

- Como vêm a IMRO em relação às lutas dos outros trabalhadores?

As formas de luta que conhecemos na IMRO não existiram noutros locais de trabalho. Não temos pois tido possibilidades de ligação com eles, pois em França a IMRO está numa posição adelantada em combatividade.

É muito difícil ter contactos e ligações, de união com outros locais. Nos últimos meses tem havido muitas lutas, que terminaram em derrotas para os trabalhadores. Existe um enorme numero de trabalhadores que não compreenderam os seus reais interesses, e da necessidade de ligação com outros. Por exemplo nós convidámos pessoas de todas as outras tipografias em Rouen para a



"Porte Ouverte", mas poucos vieram. Pois nem todos os trabalhadores atingiram o mesmo estado de consciência política e sindical como nós; mas actualmente ninguém pode falar de consciência sindical, é de facto uma consciência política.

95% dos trabalhadores da IMRO são da extrema-esquerda - todavia nenhum está numa organização política. Todas as organizações políticas vieram aqui discutir conosco, desde o PC até à extrema-esquerda como "Revolution", PSU e outros. Recebemo-las todas aqui, pois pensamos que temos coisas para elas compreenderem, coisas a trocar, e assim elas entenderão melhor a classe operária. Mas sentimos que as organizações políticas trouxeram-nos os seus pontos de vista políticos para ter uma confrontação de ideias.

- Vocês mudaram a organização diária do trabalho?

Necessariamente, inevitavelmente, em nove meses de ocupação pusemos em questão toda a estrutura da sociedade capitalista - ideologia burguesa, relações com as mulheres, com os sindicatos reformistas, e a estrutura capitalista do trabalho, as divisões e especializações. Por exemplo, todo o trabalho que criamos foi realizado por todos os trabalhadores da IMRO. Quer isto dizer todos os trabalhadores fizeram os seus próprios cartazes. Com o nosso jornal "Special Licencements", um linotipista fez algumas vezes editor, outras vezes trabalha com o

(Cont. pag.7)